



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A Copa de São-joão

A Copa do Mundo chegou misturada com o folguedo de são-joão. Não poderia haver fusão mais perfeita. Eu acho que são as duas festas mais populares do Brasil. Em matéria de são-joão não perdemos para nenhuma outra capital. É o que mostrou uma pesquisa desenvolvida pela JLeiva Cultura & Esporte, divulgada em 2018. Brasília é (ou era) a capital que mais brinca são-joão. É festa para todos os lados. Ainda é um espaço muito democrático e o mais agregador

do nosso território, mais até do que o carnaval, que se deixou contaminar pela violência. Qualquer igreja, escola ou condomínio pode se mobilizar e organizar um arraial de são-joão. Não tive acesso a nenhuma pesquisa mais recente e sei que a pandemia mudou muito os hábitos culturais. Mas no olhómetro constato que o são-joão ainda é muito forte em nosso pedaço. Quando morava no Plano Piloto, lembro de sair de carro, muitas vezes sem roteiro e, em um átimo, encontrar alguma festa em uma superquadra para meus filhos se divertirem. Era algo mágico, a gente tinha a certeza de que ia topa com uma em algum lugar. E, de fato, nos aproximávamos de uma quadra, ouvíamos o som do forró ressoando longe, chegávamos mais

próximo e se vislumbrava a fogueira e a movimentação típica. Não era preciso pedir autorização ou licença. Éramos sempre bem recebidos. Por instantes, proporcionava o sentimento bom de pertencimento a uma comunidade. Brasília perdeu muito o espírito público dos tempos utópicos, mas ele ainda resiste nas festas de são-joão, que se multiplicam pelas superquadras, pelas igrejas, pelos clubes, pelas repartições e pelos condomínios. Talvez pelo fato de morarmos em uma cidade artificial, tenhamos a necessidade de, em alguns momentos, cultivar ancestralidades, abandonar o mundo virtual, botar os pés no chão, voltar para a conversa olho no olho ao lado da fogueira, com forró

como trilha sonora para celebrar as coisas simples da vida. Não gosto das megafestas movidas a música breganeja, funk, axé ou qualquer gênero em voga. Prefiro as festinhas despretensiosas, em que qualquer um pode entrar e, de preferência, comer o que quiser, sem pagar nada. Está mais em sintonia com o espírito de comunhão que animava as festanças primitivas de agradecimento aos deuses pelas colheitas fecundas. Imagino que São João, São Pedro e Santo Antônio, patronos do folguedo, ficariam felizes com a generosidade. E, neste sentido, a festa que considerei a mais autêntica foi a promovida por um condomínio vizinho. Os moradores se organizaram para oferecer tudo de graça

para a comunidade. E a comunidade era entendida como qualquer pessoa que passasse por lá. Qualquer um podia entrar, ouvir música, dançar, comer, dançar e ainda levar uns salgadinhos, um bolo, um doce ou um milho cozido para os que ficaram em casa ou padeciam de fome nas ruas. Na década de 1980, curti festas magníficas no Cresça, animadas pelo Trio Siridó, no Clube de Imprensa (animadas pelo mesmo Trio Siridó) e na Casa do Ceará (com Luiz Gonzaga e Fagner). As noites frias brasileiras, cravejadas de estrelas, pedem uma festa de são-joão. Tomara que o Brasil vença o Japão e avance na Copa do Mundo. Se isso acontecer, as festas de são-joão serão ainda mais animadas para alegrar as crianças e esquentar o coração.



Novatos e veteranos na torcida



Fãs brasileiros de Copa do Mundo compartilham memórias antigas e recentes deste e de outros Mundiais

» MILA FERREIRA

Um dos eventos mais democráticos do mundo, a Copa tem o poder de reunir diferentes gerações em torno do propósito de torcer e vibrar pelo Brasil. O pré-requisito é apenas a paixão pelo país e pelo futebol. O **Correio** traz histórias de veteranos, que já têm diversos mundiais e títulos do Brasil na memória e de novatos, que estão descobrindo agora o sentimento único de torcer pela Seleção Brasileira. Nascido em 1956, o aposentado André Peixoto Leal, 69 anos, lembra-se com empolgação das Copas de 1958, 1962 e 1966 e também do tricampeonato do Brasil, no Mundial de 1970. “Eu era muito novo, mas já torcia. Lembro na Copa de 1966, eu tinha seis anos, e todo gol do Brasil eu ia para a janela gritar. Meus pais gostavam muito de esportes, e eu vibrava junto. Até então, a gente só ouvia os jogos pelo rádio”, recordou. “No tri, em 1970, eu já tinha 13 anos e já jogava futebol também. Foi a primeira Copa que vi pela televisão e foi inesquecível, a mais memorável para mim. Alguns jogos vi no clube com os amigos. No primeiro jogo, o Brasil tomou um gol antes de fazer gol e foi um susto, mas no final deu tudo certo. As comemorações eram bem analógicas. Sempre que o Brasil era campeão, as pessoas iam para as ruas. Em 1970, eu fui para o parque de diversões com os amigos e desci no tobogã”, relembrou. As lembranças do Mundial se entrelaçam com as memórias de família de André. “Em 1978, nasceu

meu filho. Eu queria que ele já nascesse com o Brasil campeão, mas, infelizmente, não deu naquele ano. Em 1982, eu já tinha meus três filhos, e foi quando passamos a assistir sempre na casa do meu irmão”, relatou. “Em 1986, o Zico perdeu um pênalti, lembro até hoje. Ele que nunca perdia, perdeu, e a gente perdeu a Copa, infelizmente”, lamentou. “Da Copa de 1990 nem lembro muito, mas a de 1994 foi para lavar a alma. Assistimos aos pênaltis de mãos dadas, alguns ajoelhados, foi uma farra. Quando o Brasil ganhou, fui dar uma volta na cidade com uma bandeira no carro”, contou. “Em 2026, eu acredito que o Brasil vai ser, sim, campeão”, apostou André. A aposentada Sonia Cardoso, 72, também guarda várias Copas do Mundo na memória. “As que mais me marcaram foram as que o Ronaldo Fenômeno jogou. O Brasil vibrava, era aquela emoção. Em 2002, a Seleção do penta desfilou em carro aberto aqui em Brasília, no Eixo Monumental, e foram recebidos pelo presidente no Palácio do Planalto. Foi uma memória inesquecível”, destacou. “Para mim, a Copa representa união, o brasileiro se une para torcer, todo mundo na mesma energia positiva, é muito gostoso. O brasileiro é bem festivo, e na Copa do Mundo fica mais”, completou.

Descoberta

Nascida em 2022, a pequena Laurinha, de 4 anos, está conhecendo agora a alegria de torcer pelo Brasil, e os pais, Natália Pinheiro e Mac Ronald, têm vibrado a cada

Carlos Vieira CB/ DA Press



Arquivo pessoal



Talita e Gustavo Viegas com o filho Arthur, que aprendeu a torcer com os pais e adora jogar

Arquivo pessoal



André Leal com a mulher, Silvana, e os netos Isabella, Alice e João: animação em família

descoberta. “Na Copa de 2022, ela tinha apenas sete meses. Agora, ela tem entendido melhor. Ela ama o lado festivo de se enfeitar, se vestir com as cores do Brasil, se reunir com a família para torcer. Ela ama uma festa”, contou a mãe. “Já levamos a Laurinha algumas vezes ao estádio para assistir a jogos, então, de início, ela ficou frustrada porque não ia ver o jogo ao vivo, mas depois ela entendeu que a torcida acontece de onde estamos. No último jogo, reunimos amiguinhos dela aqui em casa e ela ficou toda feliz, porque entendeu que a Copa é uma oportunidade de estar perto dos amigos, apesar de dizer que não entende nada de futebol”, acrescentou.

Desde o berço

“Uma criança que ama futebol e brinca com a bola.” Essa é a descrição de Arthur, 6 anos, no perfil do Instagram criado pela mãe, Talita Viegas. O pai da criança, Gustavo Viegas, é apaixonado por futebol desde criança e transferiu a paixão ao filho. “O meu esposo é apaixonado por futebol desde criança. Já foi campeão brasileiro de futsal, respira futebol. Chegamos a assistir à Copa na Rússia em 2018. E com Arthur não seria diferente, ele simplesmente ama futebol, já cresceu gostando, ele é canhotinho e adora jogar também”, contou a mãe. Esta é a segunda Copa do Mundo de Arthur. Na primeira, ele tinha 2 anos, mas já torcia. “Ele assiste com a gente, ama a Copa. Falta apenas uma figurinha para completar o álbum. Ele é superenvolvido”, disse Talita. “O que ele mais gosta é de aprender o nome dos jogadores. Sabe o dos melhores e não torce só pelo Brasil, mas para todos que jogam bem. É super fã do Haaland e do Cristiano Ronaldo. O tema do aniversário dele de 5 anos, que aconteceu no ano passado, foi o Haaland”, finalizou.